

COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

A experiência do Grupo  TermiSul

Organização

Cleci Regina Bevilacqua
Denise Regina de Sales
Márcia Moura da Silva
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Sandra Dias Loguercio

editora


COMO ELABORAR UM DICIONÁRIO ESPECIALIZADO?

Porto Alegre • 2023 • 1ª edição

Organização

Cleci Regina Bevilacqua
Denise Regina de Sales
Márcia Moura da Silva
Patrícia Chittoni Ramos Reuillard
Sandra Dias Loguercio

editora

ZO
UK

2023 © Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura da
Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio

Projeto gráfico e edição: Editora Zouk

Revisão: Cristiane Krause Kilian

Revisão técnica: Silvana de Fátima Bojanoski

Design da capa: Mateus Moura Godinho

**Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

Elaborado por Odílio Hilario Moreira Junior - CRB-8/9949

C735

Como elaborar um dicionário especializado? [recurso eletrônico] /
organizado por Cleci Regina Bevilacqua, Denise Regina de Sales, Márcia Moura
da Silva, Patrícia Chittoni Ramos Reuillard e Sandra Dias Loguercio - Porto
Alegre, RS : Zouk, 2023.

137 p. ; ePUB.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5778-119-7 (Ebook)

1. Dicionário. I. Bevilacqua, Cleci Regina. II. Sales, Denise Regina de. III.
Silva, Márcia Moura da. IV. Título.

2023-????

CDD 403

CDU 403

direitos desta edição reservados à

Editora Zouk

Av. Cristóvão Colombo, 1343 sl. 203

90560-004 – Floresta – Porto Alegre – RS – Brasil

f. 51. 3024.7554

www.editorazouk.com.br

Capítulo 5 – A ficha terminológica

Cleci Regina Bevilacqua

Denise Regina de Sales

Márcia Moura da Silva

O projeto terminográfico inclui o uso de fichas para registro dos dados das unidades selecionadas – termos e UFEs, conforme referido no capítulo 1. No desenho da ficha, levamos em conta as decisões prévias (ver capítulo 2) específicas de cada projeto. Por isso, neste capítulo, em vez de apresentar um modelo padrão, fornecemos noções gerais sobre o tema e exemplos concretos de fichas utilizadas em projetos do Termisul.

O que é a ficha terminográfica e para que serve?

Na literatura da terminografia, podemos encontrar os termos “ficha terminográfica”, “ficha terminológica” e “ficha de trabalho” para designar o modelo de registro de dados das unidades selecionadas. Se antigamente as fichas eram preenchidas em cartões ou folhas avulsas, hoje em dia os modelos são criados e armazenados no computador. Como apontam Krieger, Maciel e Finatto (2001), a transição entre esses suportes demandou estudos em conjunto com profissionais da informática, visto que o registro e o tratamento de dados passaram a ser feitos com o auxílio do computador. Conforme as autoras:

Na operacionalização da pesquisa terminológica e no seu posterior aproveitamento na elaboração do produto terminográfico, a equipe cuidou de lançar mão dos recursos oferecidos pela informática. Desde os primeiros momentos das atividades, o registro dos dados e seu tratamento foi feito com o auxílio do computador. [...] Buscávamos uma ferramenta que nos permitisse desenhar as fichas terminológicas sob medida, isto é, com campos de número

ilimitado e de extensão livre, para o registro dos dados relativos ao termo (Krieger; Maciel; Finatto, 2001, p. 331).

A ficha terminográfica visa fornecer informações relativas à entrada (termo ou UFE) e aponta para a estrutura interna dos verbetes, ou seja, o que se conhece como microestrutura do dicionário. Por isso, as fichas são um dos itens essenciais para a elaboração de um glossário, dicionário ou base de dados. De forma geral, elas incluem:

- Entrada: registro do termo e/ou UFE selecionado, a respeito do quais são dadas as demais informações constantes na ficha; nos produtos do Termisul, a entrada principal é o termo em português;
- Categoria gramatical, gênero e número;
- Fonte da entrada: referência do texto de onde foi coletado o termo ou UFE;
- Definição: explicação do significado do termo; em geral, para as UFEs, não são apresentadas definições, posto que se referem a ações e processos ou a fórmulas que possuem funções específicas nos textos;
- Fonte da definição: referência do texto de onde foi retirada a definição ou se foi criada pelo grupo de trabalho;
- Contexto: exemplo de uso do termo ou UFE;
- Fonte do contexto: referência do texto de onde foi retirado o contexto;
- Remissivas: indicação de entradas para formas sinônimas ou entradas que fornecem informações complementares; podem estar indicadas por “Ver também”, “Outra denominação”;
- Equivalentes: termos nas línguas estrangeiras correspondentes ao termo ou UFE em português;
- Notas: observações que complementam as informações dadas para especificar a que se refere a entrada, para esclarecer diferenças entre as línguas, entre outras possibilidades.

Como se observa, essas informações podem ser gramaticais (categoria, gênero e número), semânticas (definição, remissivas, pois podem remeter a formas sinônimas ou variantes denominativas) e pragmáticas (contextos de uso, notas). É para isso que serve a ficha, para definir

e organizar as informações pertinentes a cada projeto terminográfico. Assim, conforme o objetivo, isto é, a função do dicionário, além de seus usuários e temática com a qual se trabalha, se definem os campos da ficha.

Entretanto, com a prática de trabalho terminológico no Termisul, ao longo do tempo alguns padrões foram se consagrando como os melhores ou mais adequados para os nossos projetos. De modo geral, usamos a forma gráfica básica ou canônica das entradas, isto é, infinitivo para os verbos e singular masculino para os substantivos e adjetivos. Contudo, nas obras terminográficas, caso se identifique no *corpus* de estudo que termos e UFEs ocorrem apenas no plural, é possível registrá-las dessa forma. É o caso de águas subterrâneas no *Dicionário de Direito Ambiental* (Krieger *et al.*, 1998). A variação denominativa (por exemplo, *Controle Integrado de Pragas e CIP*) e a forma sinônima (por exemplo, *resíduos e lixo*) são apontadas com remissivas na microestrutura e aparecem como nova entrada na macroestrutura. E quaisquer informações adicionais consideradas relevantes para descrever particularidades do termo ou da UFE são fornecidas no campo “Notas”.

Além disso, as entradas podem estar registradas em determinado padrão gráfico, sendo mais frequente o uso de fonte maiúscula e em negrito. Do mesmo modo, os nomes dos demais campos podem estar grafados com fonte em negrito para chamar a atenção do consulente. Você pode observar esses aspectos nos exemplos de fichas apresentados adiante.

Como se estrutura a ficha terminográfica

Para ilustrar as diferentes possibilidades de fichas, trazemos três modelos utilizados em projetos do Termisul. O primeiro é do *Dicionário de Direito Ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*, de 2008; o segundo é da base *Combinatórias Léxicas Especializadas da Linguagem Legal, Normativa e Científica* (PROJECOM), de 2016 e o terceiro é do projeto *A linguagem do patrimônio cultural brasileiro: conservação dos bens culturais móveis em suporte papel* (Projeto Papel), em fase de revisão para publicação.

* Nome do ambiente de programação que agrega uma IDE (Integrated Development Environment – Ambiente de Desenvolvimento Integrado) com o compilador da linguagem de programação Object Pascal.

Talvez não se note, ao olharmos esses modelos, que o Termisul foi consolidando o uso de recursos informáticos em seus projetos com o passar do tempo. No entanto, os avanços tecnológicos não só facilitaram a coleta de um número crescente de dados, sobretudo com a criação da internet, como também tornaram mais rápido e preciso seu processamento com ferramentas criadas especificamente para esse fim (conforme explicado no capítulo 3).

No caso do Termisul, incluímos nos projetos bolsistas com conhecimento específico de linguagens de programação, como PHP e MySQL. Contudo, caso não seja possível dispor de um informático, a base pode ser construída em Excel, em ferramentas disponíveis *on-line* ou nos próprios recursos de construção de glossários das memórias de tradução.

Ficha do projeto do *Dicionário de Direito Ambiental*

Em relação ao primeiro modelo de ficha, usando a ferramenta **Delphi***, da Borland, a equipe gerou tanto o dicionário impresso quanto o eletrônico, a partir de 2000 fichas terminológicas, correspondentes às entradas. O desenho das fichas terminológicas do *Dicionário de Direito Ambiental* é apresentado nas figuras 5.1 e 5.2.

Figura 5.1 – Campos da ficha em formato eletrônico do *Dicionário de Direito Ambiental (TermDic)*

Campo	Nome do Campo	Conteúdo do Campo
1	Entrada	Termo em português
2	Assunto	Categorização de subáreas temáticas na legislação ambiental
3	Referência da fonte	Identificação do documento fonte
4	Ementa ou texto legal	Breve resumo do conteúdo do diploma legal
5	Equivalente em inglês	Termo em inglês com código e página da referência
6	Equivalente em espanhol	Termo em espanhol com código e página da referência
7	Definição	Descrição do conceito referenciado pelo termo na área temática da legislação ambiental.
8	Referência da definição	Os códigos LgBR , LgRS , LgPOA e LgP indicam que a definição foi encontrada na Legislação Federal Brasileira, na Legislação do Rio Grande do Sul, de Porto Alegre ou de Portugal. Outros códigos se referem às fontes de consulta. A ausência de informação indica que a definição é de autoria do Projeto Termisul.
9	Observações	Notas técnicas, linguísticas ou científicas relevantes para a compreensão do conceito ou o uso do termo.
10	Remissiva	Termo relacionado ao termo do campo Entrada
11	Remissiva	Termo relacionado ao termo do campo Entrada
12	Remissiva	Termo relacionado ao termo do campo Entrada
13	Remissiva	Termo relacionado ao termo do campo Entrada
14	Remissiva	Termo relacionado ao termo do campo Entrada

Fonte: Krieger; Maciel, 2001, p. 332.

Figura 5.2 – Exemplo de entradas do *Dicionário de Direito Ambiental* em formato papel

<p style="text-align: center;"><i>Dicionário de direito ambiental</i></p> <p>MINERAL NUCLEAR LgBR LEI 4118 de 27/08/62, art. 2º. nuclear mineral WTO mineral nuclear WMED Mineral que contenha em sua composição um ou mais elementos nucleares. LgBR ⇒ ELEMENTO NUCLEAR; MINÉRIO NUCLEAR; SUBPRODUTO NUCLEAR.</p> <p>MINÉRIO NUCLEAR LgBR LEI 4118 de 27/08/62, art. 2º. nuclear ore WUSHR mineral nuclear WSECYT Concentração natural de mineral nuclear na qual o elemento ou elementos nucleares ocorrem em proporção e condição tais que permitam sua exploração econômica. LgBR ⇒ ELEMENTO NUCLEAR; MINERAL NUCLEAR; SUBPRODUTO NUCLEAR.</p> <p>MINIFÚNDIO LgBR LEI 4504 de 30/11/64, art. 4º, IV. small landholding WFAO minifundio WINTA Imóvel rural de área e possibilidades inferiores às da propriedade familiar. LgBR ⇒ EMPRESA RURAL; LATIFÚNDIO; MÓDULO RURAL; PROPRIEDADE FAMILIAR.</p> <p>MINISTÉRIO PÚBLICO LgBR CF, art. 127. Ministry of Justice WUSAID Ministerio Público PNU92:449 Instituição permanente, essencial à função jurisdicional do Estado, incumbendo-lhe a defesa da ordem jurídica, do regime democrático e dos interesses sociais e individuais indisponíveis. LgBR ◇ <i>Entre suas atribuições compete-lhe promover o inquérito civil e a ação civil pública, para a proteção do patrimônio público e social, do meio ambiente e de outros interesses difusos e coletivos.</i> ⇒ AÇÃO CIVIL PÚBLICA; AÇÃO POPULAR; COMPETÊNCIA DO MUNICÍPIO; MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL; PATRIMÔNIO PÚBLICO.</p> <p>MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL Federal Department of Justice MEL 94:145</p>	<p>Ministerio Público Federal WLANETA Ramo do Ministério Público da União que atua judicialmente junto ao Supremo Tribunal Federal, ao Superior Tribunal de Justiça, à Justiça Federal Comum, ao Tribunal Superior Eleitoral, aos Tribunais Regionais Federais, e à Justiça Federal de 1ª Instância, ao qual são cometidas as mesmas atribuições institucionais definidas na Constituição Federal para os Ministérios Públicos dos Estados e para os demais ramos do Ministério Público da União, respeitadas as áreas de competência em que cada Instituição atua. ⇒ MINISTÉRIO PÚBLICO.</p> <p>MISTICETÁCEOS LgBR DEC 73497 de 17/01/74. baleen whale WEPA misticetos WUANTO Baleias que possuem barbatanas ou cerdas bucais ao invés de dentes, e constituem a subordem Mysticeti. ⇒ BALEIA AZUL; BALEIA CINZENTA; MEGAPTERO JUBARTE; BALEIA FRANÇA; BALEIA SEL.</p> <p>MISTURA EM TANQUE LgBR DEC 4074 de 04/01/02, art. 1º, XXV. tank mixture WEPA mezcla en tanque WGRIF Associação de agrotóxicos e afins no tanque do equipamento aplicador, imediatamente antes da aplicação. LgBR</p> <p>MISTURA OLEOSA LgBR DEC 2508 de 04/03/98, Anexo I, 2 oily mixture KIS83:327 mezcla oleosa TRE83c:226 Mistura com qualquer conteúdo de óleo. LgBR ⇒ ÓLEO COMBUSTÍVEL.</p> <p>MISTURA OLEOSA *1 LgBR LEI 9966 de 28/04/00, art. 2º, IX oily mixture KIS83:327 mezcla oleosa TRE83c:226 Mistura de água e óleo, em qualquer proporção. LgBR ⇒ ÓLEO *2</p>
--	---

Fonte: Krieger et al., 2008, p. 202.

É possível observar que estão disponíveis ao usuário a entrada (termo) em ordem alfabética; a referência do texto legislativo de onde foi coletado o termo; o(s) equivalente(s) nas línguas inglesa e espanhola com as referências de onde foram coletados; a definição retirada da lei com sua fonte, ou, quando for o caso, a definição formulada pelo legislador ou especialista; informações complementares (notas) e termos que indicam relação de proximidade ou de complementariedade com o termo de entrada (indicados por \Rightarrow). Esse conjunto de informações constitui o que se denomina em Lexicografia e Terminografia de microestrutura, conforme indicamos acima.

Observe que a entrada está em fonte maiúscula e em negrito; os equivalentes estão em fonte minúscula; e os termos que indicam relação de proximidade ou de complementariedade estão em caixa-alta e iniciam por \Rightarrow ; já as remissivas para os sinônimos estão em itálico e precedidas por um losango (◊) e *Ver.* Desse modo, além de definir quais as informações fazem parte da ficha, também é preciso pensar na formatação gráfica de cada elemento para diferenciá-los na entrada e indicar para o consulente que se referem a distintas informações.

Por sua vez, a base de **Combinatórias Léxicas Especializadas da Legislação Ambiental (BDT CLEs Legis)** teve como tema, como o próprio nome diz, o estudo e a representação de Combinatórias Léxicas Especializadas (CLEs) – outra denominação para as UFEs definidas no capítulo 1 – da linguagem legal e envolveu as línguas portuguesa, alemã, espanhola, francesa, inglesa e italiana. A ideia foi enfocar as CLEs, seus contextos de uso e seus equivalentes nessas línguas, razão pela qual não incluímos, na ficha, definições, pensando nas informações que podem ser úteis principalmente para os tradutores e redatores de textos especializados. A base pode ser acessada de forma gratuita no *link* <http://www.ufrgs.br/termisul/cles/>.

A figura 5.3 ilustra os campos da interface de trabalho dos pesquisadores para incluir uma nova combinatória, editá-la, visualizá-la ou buscar uma CLE.

Figura 5.3 – Interface de trabalho



Fonte: Termisul.

Ao clicar em adicionar uma CLE, abre-se a ficha terminológica que contém os campos seguintes:

CLE: apresenta a combinatória completa.

Contexto: contexto de uso da CLE e a fonte de onde foi retirada, indicado entre parênteses;

Outras formas e seus contextos: inclui CLEs que apresentam a inserção de algum elemento linguístico ou alguma alteração morfossintática na CLE principal; também inclui seus contextos e fontes;

Ver também: *hiperlink* que remete à(s) ficha(s) de combinatória(s) sinônima(s) à CLE entrada;

Notas: informações complementares para o uso da CLE;

Equivalentes: *hiperlinks* que remetem à(s) ficha(s) da CLE correspondente nas línguas estrangeiras, com todos os campos anteriores. Para os contextos dos equivalentes recolhidos na internet, são indicados os endereços dos *sites*, os quais os consulentes podem acessar.

Na ficha de trabalho dos pesquisadores, há ainda o campo **Comentários** que inclui observações para os próprios pesquisadores com vistas à revisão das informações. Esse campo não aparecerá no módulo visível aos consulentes.

A seguir, trazemos o exemplo da ficha de *acondicionar resíduos*.

CLE: ACONDICIONAR RESÍDUOS

Língua: Português

Contexto:

Sempre que estabelecido sistema de coleta seletiva pelo plano municipal de gestão integrada de resíduos sólidos e na aplicação do art. 33, os consumidores são obrigados a: I – **acionar** adequadamente e de forma diferenciada os **resíduos** sólidos gerados. (Lei n. 12.305, de 2 de agosto de 2010; br)

Outras formas:

acionamento de resíduos

Contexto:

Nesta seção deverão estar relacionados os equipamentos e materiais de resposta a incidentes de poluição por óleo, tais como aqueles destinados à contenção, remoção e isolamento das áreas vulneráveis, limpeza de áreas atingidas, produtos absorventes e adsorventes, **acionamento de resíduos** oleosos, veículos (leves e pesados), cuja utilização está prevista pela instalação. (Resolução n. 293, de 12 de dezembro de 2001; br)

Equivalente(s) em Alemão:

[Lagerung von Abfällen](#)

Equivalente(s) em Inglês:

[package waste](#)

Equivalente(s) em Espanhol:

[acionar residuos](#)

Equivalente(s) em Francês:

[stocker des déchets](#)

Equivalente(s) em Italiano:

[stoccare residui](#)

Notas: Os resíduos podem ser oleosos, perigosos, sólidos, entre outros

Como é possível observar, os nomes dos campos estão indicados em negrito e itálico. No interior dos contextos, as CLEs são destacadas em negrito. Os equivalentes estão em forma de *hiperlinks* que remetem às fichas completas das entradas nas línguas estrangeiras.

Em 2016, iniciamos o projeto Papel. Seu objetivo foi coletar e sistematizar os termos da área que está em expansão em nosso país e precisa de obras de referência que compilem seus termos e que sirvam de subsídios tanto aos profissionais e aprendizes da área quanto aos tradutores e redatores de textos e demais interessados no tema. Foi criada então a Base

Papel. Diferentemente dos projetos anteriores do grupo, essa base incluiu termos e UFEs em uma única obra.

A ficha proposta seguiu a mesma estrutura e contém praticamente os mesmos campos que a ficha proposta para o projeto BDT CLEs Legis. A figura 5.4 ilustra a ficha de *tinta ferrogálica*.

Figura 5.4 – Ficha da entrada *tinta ferrogálica*

TINTA FERROGÁLICA
Língua: Português
Contexto: A composição da tinta ferrogálica é, basicamente, uma mistura de sulfato de ferro (II), um extrato rico em taninos de certas vesículas de origem vegetal e goma arábica em um líquido que pode ser água, vinho ou vinagre. A adição de corantes é também comum em algumas formulações. (ptPPP004)
Ver também: tinta
Equivalente(s) em Inglês: iron gall ink
Equivalente(s) em Espanhol: tinta ferrogálica
Equivalente(s) em Francês: encre ferrogallique
Equivalente(s) em Italiano: inchiostro ferrogallico
Equivalente(s) em Russo: железогалловые чернила [jelezogallovye tchernila]

Fonte: Base Papel, Termisul.

Colocamos também o exemplo de ficha de uma UFE, *degradação do papel* (figura 5.5):

Figura 5.5 –Ficha da entrada *degradação do papel*

DEGRADAÇÃO DE PAPEL
Língua: Português
Contexto: Por degradação do papel, entende-se a cisão da ligação entre moléculas de celulose, ou seja, a cisão da ligação entre monômeros de glicose. A degradação produz fibras com menor grau de polimerização, reduzindo o tamanho das moléculas formadoras das fibras de celulose, afetando, portanto, as propriedades do papel que dependem do comprimento da cadeia molecular da celulose, como a resistência mecânica. (ptPPP115)
Equivalente(s) em Inglês: paper degradation
Equivalente(s) em Espanhol: degradación de papel
Equivalente(s) em Francês: dégradation du papier
Equivalente(s) em Italiano: degrado della carta
Equivalente(s) em Russo: деградация бумаги [degradatsia bumagui] разрушение бумаги [razruchenie bumagui]

Fonte: Base Papel, Termisul.

Como comentamos anteriormente, a entrada pode incluir termos (*tinta ferrogálica*) ou UFEs (*degradação do papel*). Outra diferença em relação ao projeto anterior é que o campo *ver também* se refere não apenas ao sinônimo do termo ou UFE constante na entrada (por exemplo, *papel japonês* que tem como sinônimo *papel washi*), mas também aos termos sintagmáticos que especificam o termo de entrada, ou seja, há remissão do termo mais amplo (hiperônimo) para os termos específicos (hipônimos). É o caso de *tinta* (hiperônimo), que remete para *tinta ácida* e *tinta ferrogálica* (seus hipônimos), como vemos na figura 5.6:

Figura 5.6 – Entrada de *tinta* e seus hipônimos – *Ver também*

TINTA
Língua: Português
Contexto: A tinta é um dos compostos mais importantes na documentação. Foi e é usada para escrever em papéis, pergaminhos e materiais similares, desde que o homem sentiu necessidade de registrar seu avanço técnico e cultural, e é ainda indispensável para a criação de registros e para atividades relacionadas aos interesses de vida diária. (ptPP130)
Ver também: tinta ácida tinta ferrogálica

Fonte: Base Papel, Termisul.

Por isso, na figura 5.7 da entrada de *tinta ferrogálica*, no campo *ver também* há remissão para *tinta* (seu hiperônimo) e para *tinta ácida* (sinônimo de *tinta ferrogálica*), ou seja, um caso de variação denominativa.

Figura 5.7 – Entrada de *tinta ferrogálica*

TINTA FERROGÁLICA
Língua: Português
Contexto: A composição da tinta ferrogálica é, basicamente, uma mistura de sulfato de ferro (II), um extrato rico em taninos de certas vesículas de origem vegetal e goma arábica em um líquido que pode ser água, vinho ou vinagre. A adição de corantes é também comum em algumas formulações. (ptPP004)
Ver também: tinta tinta ácida

Fonte: Base Papel, Termisul.

Os exemplos de fichas deste capítulo confirmam que a especificidade de cada projeto é que define os campos incluídos na ficha; por isso, a Terminografia não trabalha com um modelo fixo único de ficha. Como meio usado pelo terminógrafo para registrar as informações sobre termos e UFEs de modo facilmente recuperável e compreensível, a ficha é imprescindível. Na face visível ao consulente, indicam-se a fonte textual onde se observou o termo; os contextos de uso; as variantes denominativas etc. Na face visível, apenas aos integrantes do grupo de trabalho, podem ser inseridas informações de gerenciamento, como o nome de quem abriu a ficha, o registro de alterações nas fichas com indicação da data em que foram feitas, os comentários surgidos no processo de revisão da base ou dicionário etc.

A apresentação de exemplos serve ainda para indicar as possibilidades de mudança e inovação. Informações mais heterogêneas e menos comuns podem se tornar regra no futuro. Podemos prever, por exemplo, o uso cada vez mais frequente de ilustrações, áudios, *links* com fontes externas e imagens 3D, além de várias interfaces que permitam aos usuários seleccionar os campos que lhe interessam, gerando resultados de buscas específicos às suas necessidades.

ATIVIDADES: Elaborando fichas terminográficas

1. Um vírus danificou a base do projeto Papel, e as informações dos campos das fichas se embaralharam. Corrija os erros da ficha abaixo, recolocando as informações nos campos corretos.
2. Retome os termos encontrados no *corpus* que você construiu na atividade 2 do capítulo 3. Crie uma ficha terminográfica para uso em um projeto de dicionário eletrônico desses termos destinados a tradutores.
3. Você é contratado por uma empresa brasileira do setor metalúrgico para solucionar problemas de comunicação em um projeto de transferência tecnológica para uma empresa estrangeira. Numa conversa com os técnicos

brasileiros e estrangeiros, você conclui que os problemas são gerados pela falta de padronização terminológica e então propõe a criação de uma base de dados bilíngue destinada a todos os funcionários envolvidos no projeto. Crie uma ficha terminográfica para essa base e justifique a inclusão de cada campo.

PARA SABER MAIS

COSTA, Maria Izabel Plath da Costa. *Terminologia jurídico-policia: proposta de elaboração de um glossário eletrônico*. Orientação: Cleci Regina Bevilacqua. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102211>. Acesso em: 11 set. 2021.

BEVILACQUA, Cleci Regina; MACIEL, Anna Maria Becker; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. *Terminologia da Conservação dos bens móveis em papel: considerações iniciais*. 2018. Apresentação. ANPOLL. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/termisul/files/file771959.pdf>. Acesso em: 11 set. 2021.

Referências

ALUÍSIO, Sandra M.; ALMEIDA, Glades M. B. O que é e como se constrói um *corpus*? Lições aprendidas na compilação de vários *corpora* para pesquisa linguística. *Calidoscópico*, v. 4, n. 3, p. 156-178, 2006.

ALVES, Ieda M. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2004. p. 77-100. v. II.

ARCOS, Manuela; BEVILACQUA, Cleci R. UFE eventivas na área da conservação e restauração de bens culturais móveis em suporte papel: identificação e análise. *Debate Terminológico*, [Porto Alegre], n. 18, p. 4-18, 2020. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/riterm/article/view/98700>. Acesso em: 17 set. 2021.

ARCOS, Manuela; BEVILACQUA, Cleci R. Metodologias para a extração e identificação de unidades fraseológicas especializadas eventivas em *corpora* textuais. *Guavira Letras*, v. 27, p. 75-95, 2018. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/714> . Acesso em: 17 set. 2021.

BAKER, Mona. Corpora in Translation Studies. An overview and suggestions for future research. *Target*, v. 7, n. 2, p. 223-243, 1995.

BAKER, Mona. Corpus Linguistics and Translation Studies: implications and applications. In: BAKER, Mona; FRANCIS, Gill; TOGNINI-BONELLI, Elena (org.). *Text and Technology: in honour of John Sinclair*. Amsterdam: John Benjamins, 1993. p. 233-250.

BERBER SARDINHA, Tony. Histórico e problemática. *D.E.L.T.A.*, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

BERBER SARDINHA, Tony. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.

BEVILACQUA, Cleci R. Fraseologia Especializada: panorama das pesquisas realizadas no Brasil. In: SILVA, Suzete (org.). *Fraseologia & Cia: entabulando diálogos reflexivos*. Campinas, SP: Pontes, 2020. p. 41-66. v. 2.

BEVILACQUA, C. R. Investigación Sistemática en Terminología. In: ÁLVAREZ CATALÁ, Sara; BARITÉ, Mario (org.). *Teoría y praxis en Terminología*. Montevidéo:

Ediciones Universitarias, Unidad de Comunicación de la Universidad de la República, 2017. p. 69-90. v. 1.

BEVILACQUA, Cleci R. *Unidades Fraseológicas Especializadas Eventivas: descripción y reglas de formación en el ámbito de la energía solar*. Tese (Doutorado). Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada, Universitat Pompeu Fabra, 2004.

BEVILACQUA, Cleci R. Terminologia mono/bi/multilíngue: algumas propostas e reflexões referentes às unidades fraseológicas especializadas. *TradTerm*, n. 8, p. 135-147, 2002.

BEVILACQUA, Cleci R. *A fraseología jurídico-ambiental*. 1996. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 1996.

BEVILACQUA, Cleci R.; FINATTO, Maria José B.; REUILLARD, Patrícia C. R. Glossário de gestão ambiental: estabelecimento de equivalentes em alemão, espanhol e francês. *Tradução & comunicação: Revista Brasileira de Tradutores*, São Paulo, n. 19, p. 61-72, 2009.

BEVILACQUA, Cleci R.; MACIEL, Anna Maria B. A variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas especializadas: descrição e tratamento. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. M. (org.). *As Ciências do Léxico*, Campo Grande: Ed. UFSM, 2018. p. 273-290. v. VIII.

BEVILACQUA, Cleci R. *et al.* Combinatórias léxicas especializadas da linguagem legislativa: uma abordagem orientada pelo *corpus*. In: MURAKAWA, Clotilde; NADIN, Odair Luiz (ed.). *Terminologia: uma ciência interdisciplinar*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013. p. 227-243.

BEVILACQUA, Cleci R. *et al.* Acervo Termisul: implantação das bases textuais. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE LINGÜÍSTICA (ABRALIN), 7, 2009, João Pessoa. *Anais...* João Pessoa: Ideia, 2009. v. 1. p. 815-824. 2009.

BIBER, Douglas. Representativeness in corpus design. *Literary and Linguistic Computing*, v. 5, n. 4, p. 243-257, 1993.

BOJANOSKI, Silvana F. *Terminologia em Conservação de bens culturais em papel: produção de um glossário para profissionais em formação*. Tese (Doutorado) –Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural, UFPEL, 2018.

BOJANOSKI, Silvana F.; MICHELON, Francisca; BEVILACQUA, Cleci Regina. Criação do *corpus* para um estudo terminológico da área da conservação e restauração de bens culturais. *Debate Terminológico*, n. 17, p. 33-45, 2017.

BOURIGAULT, Didier; SLODZIAN, Monique. Pour une terminologie textuelle. *Terminologies Nouvelles*, n. 19, déc. 1998-juin. 1999.

CABRÉ, María Teresa. *Terminología: representación y comunicación*. Una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: Universitat Pompeu Fabra; Instituto Universitario de Lingüística Aplicada, 1999.

CABRÉ, María Teresa. *La terminología: teoría, metodología, aplicaciones*. Barcelona: Editorial Empúries, 1993.

CHICHORRO, Caroline L. C. M. *Terminologia do Licenciamento Ambiental em português e inglês*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.

CHURCH, Kenneth W.; HANKS, Patrick. Word Association Norms, Mutual Information, and Lexicography. *Computational Linguistics*, n. 16, p. 22-29, 1990.

DIKI-KIDIRI, Marcel. Eléments de terminologie culturelle. *Cahiers du Rifal*, v. 26, 2007.

FABER, Pamela; MÁRQUEZ, Carlos; VEGA, Miguel. Framing Terminology: A Process-Oriented Approach. *Meta: journal des traducteurs / Meta: Translators' Journal*, v. 50, n. 4, 2005. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/meta/2005-v50-n4-meta1024/019916ar.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2022.

FAULSTICH, E. A socioterminologia na comunicação científica e técnica. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 2, 2006. Disponível em: <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v58n2/a12v58n2>. Acesso em: 8 abr. 2022.

FINATTO, Maria José B. A definição de termos técnico-científicos no âmbito dos estudos de terminologia. *Rev. Est. Ling.*, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 197-222, jan./jun. 2003. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/2351> Acesso em: 18 abr. 2022.

FINATTO, Maria José B. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida

N.; KRIEGER, Maria da G. (org.). *As Ciências do Léxico*. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004. v. II.

FINATTO, Maria José. B. *Definição terminológica: fundamentos teórico-metodológicos para sua descrição e explicação*. 2001. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2001.

FISH, Stanley E. *Is There a Text in This Class?: The Authority of Interpretive Communities*. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1980.

FROMM, Guilherme *et al.* Wordsmith Tools e Sketch Engine: um estudo analítico-comparativo para pesquisas científicas com uso de corpora. *Revista de Estudos Linguísticos*, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 1.101-1.248, 2020.

GAUDIN, François. *Pour une socioterminologie. Des problèmes sémantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Publications de l'Université de Rouen, 1993. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/issue/view/34/showToc>. Acesso em: 7 jun. 2022.

KILIAN, Cristiane K. *A retomada de unidades de significação especializada em textos em língua alemã e portuguesa sobre gestão de resíduos: uma contribuição para a tradução técnico-científica*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007.

KILIAN, Cristiane K.; LOGUERCIO, Sandra D. Fraseologias de gênero em resumos científicos de Linguística, Engenharia de Materiais e Ciências Econômicas. *Tradterm*, n. 26, p. 241-267, 2015.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminografia: entre teoria e aplicações. In: ISQUERDO, Aparecida N.; DAL CORNO, Giselle O. M. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2018. p. 329-346. v. VIII.

KRIEGER, Maria da Graça. Porque Lexicografia e Terminologia: relações textuais. In: ENCONTRO DO CELSUL (Círculo de Estudos Linguísticos do Sul), 8., 2008. *Anais...* Pelotas: Educat, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça. *Terminologias em construção: procedimentos metodológicos*. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABECAN (Associação Brasileira

de Estudos Canadenses), 8., 2005. *Anais...* Gramado, 2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/termisul/files/file112160.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida N.; KRIEGER, Maria da Graça. *As Ciências do Léxico*. Lexicologia, Lexicografia, Terminologia, Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, p. 327-339. v. II.

KRIEGER, Maria da Graça. Sobre Terminologia e seus objetos. In: LIMA, Marília; RAMOS, Patrícia C. (org.). *Terminologia e ensino de segunda língua: Canadá e Brasil*. Porto, Alegre: NEC, IL, UFRGS/Abecan, 2001. p. 45-53.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia revisitada. *DELTA*, v. 16, n. 2, p. 209-228, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia em contextos integradores: funcionalidade e fundamentos. *Organon*, v. 12, n. 26, p. 19-31, 1998.

KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José B. *Introdução à Terminologia: Teoria & Prática*. São Paulo: Contexto, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker; FINATTO, Maria José Bocorny. Terminografia das leis do meio ambiente: princípios teórico-metodológicos. In: KRIEGER, Maria da Graça; MACIEL, Anna Maria Becker (org.). *Temas de terminologia*. Porto Alegre/São Paulo: Ed. Universidade/UFRGS/Humanitas/USP, 2001. p. 317-335.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Dicionário de Direito Ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*. 2. ed. rev. e atualizada. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Glossário de gestão ambiental*. Barueri, SP: Disal, 2006.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Glossário Multilíngue de Direito Ambiental Internacional*. Rio de Janeiro: Ed. Forense, 2004.

KRIEGER, Maria da Graça et al. *Dicionário de direito ambiental: terminologia das leis do meio ambiente*. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1998.

LAZZARIN, Renan. *AGROTÓXICO E PFLANZENSCHUTZMITTEL: estudo exploratório da variação terminológica e proposição de equivalentes tradutórios no par de línguas português-alemão*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharel em Letras – Tradutor Português e Alemão) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Instituto de Letras, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/178858>. Acesso em: 22 ago. 2023.

LEECH, Geoffrey Corpora. In: MALMKJAER, Kirsten (ed.). *The Linguistics Encyclopedia*. London: Routledge, 1991. p. 73-80.

LOGUERCIO, Sandra D. A linguagem comum do artigo científico em português brasileiro: um estudo baseado em corpus. *ANTARES*, v. 12, n. 25, p. 140-164, jan./abr. 2020.

LOGUERCIO, Sandra D. Entre buscar contribuir e la contribution: a modalização em resumos científicos em português/francês. *Linguagem & Ensino*, v. 22, n. 3, p. 881-995, jul./set. 2019.

LOGUERCIO, Sandra D.; KILIAN, Cristiane K. Fraseologias de gênero de resumos de artigos científicos (português, alemão e francês). In: Claudia Zavaglia; Angélica Karim Garcia Simão. (Org.). *Reflexões, tendências e novos rumos dos estudos fraseoparemiológicos*. 1ed. São José do Rio Preto (SP): UNESP/IBILCE, 2017, v., p. 94-108.

MACIEL, Anna Maria B. Reflexão sobre a pesquisa terminológica em corpus. In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 21, São Paulo. *Domínios do Saber: História, Instituições, Práticas*, 2006. Disponível em: https://silo.tips/queue/xxi-encontro-nacional-da-anpoll-associao-nacional-de-pos-graduacao-e-pesquisa-em?&queue_id=-1&v=1654593928&u=MmEwMTo0YjAwOjg0NGQ6YWlWMDo5YzM3OmVlZjplNzMxOmE3ZmM=. Acesso em: 7 jun. 2022.

MACIEL, Anna Maria B. *Para o reconhecimento da especificidade do termo jurídico*. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2001.

MACIEL, Anna M.; BEVILACQUA, Cleci R. A fraseologia da legislação do Direito Ambiental em línguas e sistemas jurídicos distintos. In: ZAVAGLIA, Claudia; SIMÃO, Angélica (org.). *Reflexões, tendências e novos rumos dos Estudos Fraseoparemiológicos*. São José do Rio Preto: Unesp, 2017. p. 46-56.

MACIEL, Anna Maria B.; REUILLARD, Patrícia C. R. Abordagem da variação terminológica em uma base de dados de combinatórias léxicas. *Tradterm*, São Paulo, v. 26, p. 223-240, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2317-9511.v26i0p223-240>. Acesso em: 12 out. 2021.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela P.; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). *Gêneros textuais e ensino*. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MCENERY, Tony; HARDIE, Andrew. *Corpus Linguistics: method, theory and practice*. Edinburgh: Cambridge University Press, 2012.

NORD, Christiane. *Traducir, una actividad con propósito*. Introducción a los enfoques funcionalistas. Berlim: Frank & Timme GmbH, 2018.

NORD, Christiane. Lealdade em vez de fidelidade: proposta de uma tipologia funcional da tradução. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, Número Especial, p. 9-24, 2016.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Convenção das Nações Unidas sobre Direito do Mar*. 1990. Disponível em: http://www.unbciencia.unb.br/images/Noticias/2019/12-Dez/Convencao_das_Nacoes_Unidas_sobre_Direito_do_Mar_Montego_Bay.pdf. Acesso em: 8 jul. 2022.

REUILLARD, Patrícia C. R. Neologismos lacanianos e equivalência tradutória. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2007. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/12506>. Acesso em: 23 ago. 2023.

SWALES, John M. *Genre Analysis: English in Academic and Research Settings*. Cambridge: CUP, 2002[1990].

TAGNIN, Stella E. O. Glossário de linguística de corpus. In: *Corpora no ensino de línguas estrangeiras*. São Paulo: HUB Editorial, 2011. p. 357-361.

TEMMERMAN, R. *Towards new ways of Terminology description*. Amsterdam: John Benjamins, 2000.

TUTIN, Agnès. Autour du lexique et de la phraséologie des écrits scientifiques. *Revue Française de Linguistique Appliquée*, n. 2, v. XII, p. 5-14, 2007.

Chave de respostas das atividades propostas

Capítulo 1 – Quando a teoria e a prática se encontram

O capítulo 1 não possui atividades por ser um capítulo teórico e que embasa os demais capítulos do livro.

Capítulo 2 – As decisões prévias

As respostas para as atividades propostas no capítulo 2 dependem das obras selecionadas para a realização das atividades, razão pela qual não apresentamos um gabarito.

Capítulo 3 – Constituição de *corpora*: critérios de coleta, limpeza e organização

As respostas para as atividades propostas no capítulo 3 dependem da área a ser selecionada para a construção de *corpus*, razão pela qual não apresentamos um gabarito.

Capítulo 4 – Seleção de unidades terminológicas: estratégias de extração e princípios de identificação

Exercício 1: O termo definido no trecho do *Corpus* Papel é *arquivo*. Nesse fragmento, o termo apresenta uma frequência de cinco ocorrências. Além disso, o termo *arquivo* aparece acompanhado pelo verbo *definir* em três contextos definitórios, sendo eles: 1) “[...] o arquivo é definido como: um conjunto de documentos produzidos e recebidos por órgãos públicos (...)”, 2) “[...] o arquivo não se define pela forma dos documentos ou por sua origem, mas pela razão para que foram criados e por sua forma de acumulação orgânica” e 3) “[...] os elementos que definem os arquivos podem ser resumidos em três fatores que são abstratos [...]”.

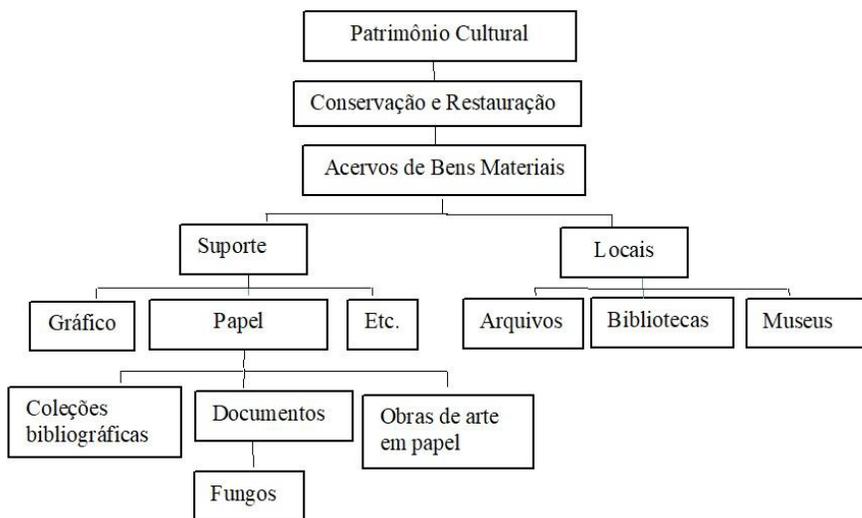
Exercício 2: As UFEs formadas a partir do termo *arquivo* são do tipo colocação (nesse caso, UFE eventivas), pois estão formadas por [verbo + termo]

ou [nominalização + de + termo]. São elas: *abrigar arquivo, organização de arquivo, conservação de arquivo, catalogação de arquivo e microfilmagem de arquivo*.

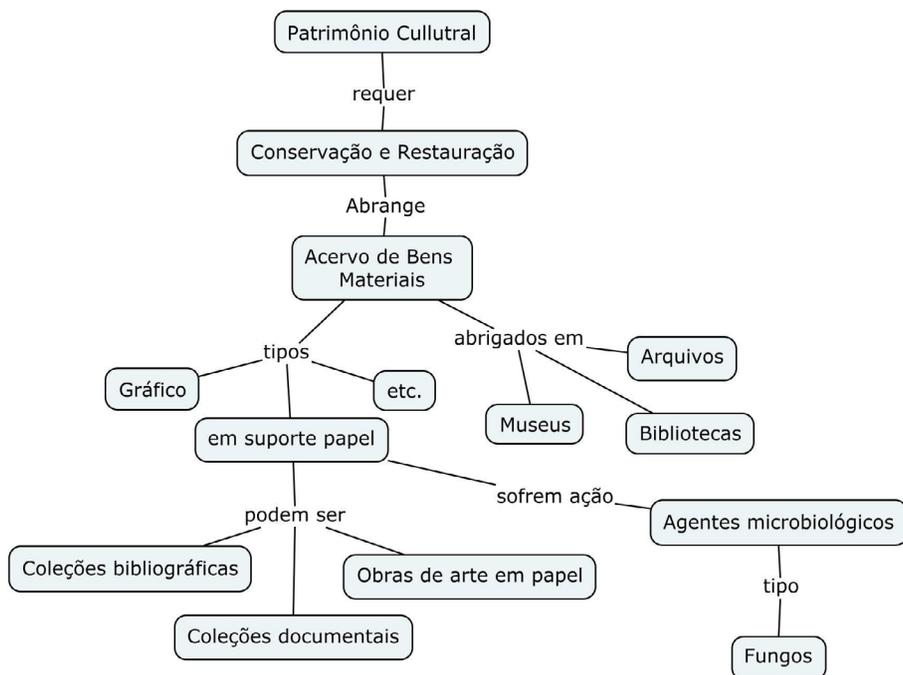
Exercício 3: A área de conhecimento pode ser identificada, mais amplamente, como sendo do **Patrimônio Cultural** (cf. linhas 1, 2 e 5), e mais especificamente, como a de **Conservação e Restauração**, vista na referência ao *corpus* de onde foi extraído o texto. Já o assunto abordado é **fungos em acervo de papel** (introduzido nas linhas 14 a 16 e especificado nas linhas 20, 23, 29 e 30). Isso é feito em um **artigo científico**, gênero identificado pelo registro escrito, pela estrutura textual-discursiva (texto segmentado em parágrafos que trazem contextualização da área e do tema, justificativa da pesquisa, indicação do objeto de estudo e dos objetivos etc.) e por unidades lexicais e fraseológicas que remetem mais especificamente ao relato científico.

Exercício 4:

Sugestão de árvore de domínio



Sugestão de mapa conceitual



Exercício 5: O léxico relativo ao gênero artigo científico (também chamado de léxico metacientífico) torna-se saliente no excerto a partir da linha 14, com *No presente trabalho optou-se por*, em que **trabalho** faz referência ao próprio artigo e a fórmula introduz o tema geral do estudo. Também podem ser identificadas as seguintes unidades: **orientar esta pesquisa**, **esta pesquisa pretende**, **por meio de uma investigação** (l. 26), **estudo de caso** (l. 28), [estudar] **métodos de tratamento para** (l. 29), **a pesquisa busca** (l. 30). Também podemos pensar em palavras como: **trabalho**, **pesquisa**, **investigação**, **estudo de caso**, **estudar**, **método(s)**.

Exercício 6: c / d / e / a / b

Capítulo 5 – A ficha terminológica

Exercício 1:

TERMO: água

Língua: português

Contexto: No tanque superior se dá o processo da reenfibragem, que é a passagem de uma solução de água + polpa de papel através de uma tela semipermeável onde está o documento a ser restaurado. Como resultado esperado temos o depósito da polpa nas áreas do documento onde houve perdas de material. No tanque inferior armazena-se a água após o processo de reenfibragem que, por ser deionizada e trafilada, é de custo elevado, portanto não deve ser desperdiçada. (ptPP023)

Ver também:

água quente

água deionizada

água destilada

água desmineralizada

Equivalente(s) em Inglês:

water 2

Equivalente(s) em Espanhol:

agua 2

Equivalente(s) em Francês:

eau 2

Equivalente(s) em Italiano:

acqua 2

Equivalente(s) em Russo:

вода 2 [voda]

Exercício 2: Como explicado no capítulo, a ficha vai variar de acordo com os diversos fatores envolvidos. Lembre-se de que ela costuma ter Entrada; Categoria gramatical, Gênero e Número; Fonte da entrada; Definição; Fonte da definição; Contexto; Fonte do contexto; Remissivas; Equivalentes; e Notas.

Exercício 3: ver respostas do exercício 1.

Capítulo 6 – Busca e identificação de equivalentes em línguas estrangeiras

Exercício 1:

Língua	Termo	Equivalente
Espanhol	cartão alcalino	cartón libre de ácido
Francês	envelhecimento do papel	vieillessement du papier
Inglês	atmosfera anóxica	anoxic atmosphere
Italiano	banho aquoso	lavaggio acquoso
Russo	solubilidade de tintas	водное растворение чернил [vodnoe rastvorienie tchernil]

Para identificar os equivalentes das atividades 2 e 3, você pode consultar as bases do grupo Termisul disponíveis em www.ufrgs.br ou outras fontes confiáveis de consulta, como *sites* de universidades, de outros grupos de pesquisa e o portal de periódicos da Capes, por exemplo.